

Capítulo 1

Prolegómena

[Ou, das coisas que se contam antes ...]

- 1.1. Um olhar sobre a construção do conhecimento científico
- 1.2. O *campo* da ciência da informação
- 1.3. Um evento no *campo científico*
- 1.4. A hipótese

*“... que século anterior teria suspeitado
que semelhantes forças produtivas estivessem adormecidas
no seio do trabalho social?”²*

1.1. Um olhar sobre a construção do conhecimento científico

Desde muito antes do processo histórico da emergência, desenvolvimento e decadência das sociedades que antecederam a sociedade ocidental atual, é possível reconhecer que a produção cultural da humanidade — nas suas variadas formas de expressão — representa um tesouro de conhecimentos sobre si mesma, o planeta em que vive e o universo. Na visão de Leroi-Gourhan, a organização em sociedade faz parte do aparato biológico da espécie humana, com a cultura surgindo no processo de interação com um dado meio ambiente e nas relações entre “o gesto [trabalho] e a palavra”³. É, também, nessa perspectiva que Morin coloca sua “revelação biossociológica” ou “paradigma perdido”:

“... a sociedade é uma das formas fundamentais mais largamente espalhadas, desenvolvidas de uma maneira muito desigual mas muito variada, da auto-organização dos sistemas vivos. E, assim, a sociedade humana surge como uma variante e um desenvolvimento prodigioso do fenômeno social natural ...⁴

... é muitíssimo provável que não só os utensílios, mas também a caça, a linguagem, a cultura, tenham aparecido no decurso da hominização, antes [em itálico, no original] de ter nascido a espécie propriamente humana do sapiens.

² MARX, K., ENGELS, F., 1963, p.27

³ LEROI-GOURHAN, A., 1987

⁴ MORIN, E., 1991. p.30

Quer dizer que a hominização é um processo complexo de desenvolvimento, imerso na história natural e donde emerge a cultura.

... a cultura constitui um sistema generativo de alta complexidade ... Neste sentido, a cultura deve ser transmitida, ensinada, aprendida, quer dizer, reproduzida em cada novo indivíduo no seu período de aprendizagem, para poder se autopropagar e para perpetuar a alta complexidade social.”⁵

Tão antigas quanto as descobertas arqueológicas podem datar, as formas de expressão do conhecimento se organizam em sistemas de pensamento que buscam, encontram e registram respostas coerentes e adequadas para algumas das questões que movem nossa legítima curiosidade humana: de onde viemos ? quem e como somos ? por que estamos aqui ? para onde vamos ? Desde os primórdios da humanidade, a linguagem dessas formas de expressão tem sido, por um lado, abstrata e alegórica, traduzindo-se em uma narrativa de fatos seqüenciais relacionados simbolicamente, um *mito*; por outro lado prática e pedagógica, pois os estoques de conhecimento incluem as práticas e técnicas para transformar os recursos naturais disponíveis no meio ambiente.

Carl Sagan, astrônomo, recorre à etnografia para identificar a gênese do processo de descoberta, descrição e uso do conhecimento humano sobre o mundo:

“... Os !Kung San talvez sejam representativos do modo de vida dos caçadores-coletores, que foi praticado pelo homem durante a maior parte do nosso tempo — até 10 mil anos atrás, quando as plantas e os animais foram domesticados e a condição humana começou a mudar, talvez para sempre.

Para mim [suas] formidáveis habilidades argumentativas de rastreamento são ciência em ação. ...

Com quase toda a certeza, o pensamento científico tem nos acompanhado desde o início. ... O desenvolvimento das habilidades de rastrear a caça proporciona

⁵ MORIN, E., *idem*, p.49 e 75

uma poderosa vantagem no processo de seleção da evolução. ... Uma inclinação científica traz recompensas tangíveis.

[Essa inclinação] está profundamente entranhada em nós, em todas as épocas, lugares e culturas. Tem sido o meio da nossa sobrevivência. É nosso direito hereditário. ...”⁶

Até que se desenvolvesse a escrita, inúmeras narrativas foram produzidas e circularam nas sociedades pré-históricas, estruturando-se a partir dos valores e categorias da visão de mundo dos seus principais grupos sociais e contendo informações relativas ao saber adquirido e organizado em milhares de anos de observação dos fenômenos naturais e humanos. Histórias tiradas de um “mar de histórias”⁷, contadas e recontadas sem que se perdesse a informação original, um conhecimento sobre as origens do mundo, ou do grupo social, ou de uma prática medicinal, ou de uma técnica.

Giorgio di Santillana nos propõe imaginar um pensamento anterior à escrita:

“... É simplesmente um pensamento bastante forte e coerente, sedimentado na memória, e que deve, de uma forma ou de outra, perpetuar-se, organizar-se, sem auxílio do sinal escrito. Por conseguinte, torna-se um pensamento mítico, no sentido clássico do termo, a própria expressão do pensamento exato, pois em um mundo sem escrita só há um modo de encadear as idéias: contando uma história. E esta história pode ser tão complexa e absurda quanto queiram, mas tem por fim exatamente o encadeamento de idéias que mantêm com ela uma relação puramente simbólica.”⁸

Assim considerado, é um tipo de pensamento organizado com a finalidade de comunicar um conhecimento e, nesse sentido, deve conter uma informação, uma mensagem cujo significado é mediatizado por uma determinada forma de expressão social — na narrativa mítica, se ocultam

⁶ SAGAN, C., 1996, p. 301 a 309

⁷ RUSHDIE, S., 1991

⁸ SANTILLANA, G. di., 1970, p.17

informações que descrevem e explicam fenômenos físicos e humanos, observados, descritos e registrados com a diversidade cultural própria da espécie humana. Certamente, tanto quanto na sociedade contemporânea, essa estrutura intelectual foi capaz de criar novas formas de expressão do conhecimento, de criar “possibilidades” de transformação nos grupos e nas estruturas sociais.

Nas palavras de Santillana, trata-se

“... de um fenômeno de transmissão de alta cultura. E, antes dele, um fenômeno de criação de pensamento através de certos momentos privilegiados da História que se perpetuam de maneira obscura, complexa, mas morfológicamente reconhecível.”⁹

Pode-se dizer, então, que o mito é um *texto*, produzido e comunicado em uma sociedade que não domina a escrita – sua estrutura formal está orientada para “organizar” uma informação, que será socializada pelas categorias de linguagem e dos meios de comunicação disponíveis. Há, pois, um conhecimento e uma forma de comunicá-lo nos sistemas de pensamento das sociedades antigas.

Feyerabend usa o poema épico de Homero para ilustrar como as relações sociais básicas da Grécia foram ali “definidas”, mostrando-se como funcionavam em casos concretos.

“Os conceitos assim introduzidos ... não estão separados das coisas. São aspectos das coisas, ao mesmo nível da cor, da rapidez, da beleza do movimento, da perícia e do manejo de armas ou de palavras. Estão adaptados às circunstâncias em que são dados a conhecer e mudam em conformidade.

... As histórias serviram na Idade Média, e depois novamente no Iluminismo [por vezes] foram escritas e ilustradas [ou] foram inventadas no momento, e

⁹ SANTILLANA, G. di., *idem*, p.15

transmitidas por tradição oral, mas podiam também ser cuidadosamente preparadas e produzidas com exatidão ... ou até cantadas ...”¹⁰

Se olharmos a partir da perspectiva das relações entre modo de produção e conhecimento, poderemos encontrar, no que Santillana denomina “fenômenos de transmissão de alta cultura”, os responsáveis pelos “saltos qualitativos” na história da humanidade. Na história recente da civilização ocidental, o conhecimento e sua comunicação adotaram as formas de expressão do racionalismo científico, aproximando as explicações do ato original às experiências conduzidas na realidade. As relações entre forças produtivas e conhecimento científico se tornam cada vez mais objetivas e concretas e o fenômeno da informação adquire nova relevância face a complexidade das trocas culturais na sociedade globalizada.

Esse processo histórico tem seu evento principal no século XVII, no período que Goldmann denomina de *capitalismo nascente*¹¹. A partir daí, o conhecimento científico torna-se elemento cada vez mais presente na estrutura da visão de mundo capitalista, tornando-se, mediante o processo de reificação¹², uma atividade produtiva em si — ao mesmo tempo em que é uma forma de expressão do conhecimento humano.

¹⁰ FEYERABEND, P., 1991 p.138

¹¹ GOLDMANN designa as diferentes etapas históricas da sociedade capitalista com quatro termos “... cujo valor aproximativo conhecemos mas dos quais, não obstante, nos podemos servir de maneira heurística sem provocar mal-entendidos: **capitalismo nascente** (na França, séculos XVII e XVIII), **capitalismo liberal** (século XIX), **capitalismo dos monopólios e dos trustes** (primeira metade do século XX) e **capitalismo de organização** (época contemporânea, desde a Segunda Guerra Mundial)”. Nessa perspectiva, a sociedade capitalista constitui o espaço de relações humanas onde se desenvolvem as forças produtivas sob as formas da produção industrial. GOLDMANN, L., 1972, p.65, nota de rodapé. Acrescentamos o destaque em negrito.

¹² “Que significa essa palavra [reificação] ? ... Trata-se de um processo social que faz com que, na produção mercantil, o valor se apresente à consciência dos homens como uma qualidade objetiva da mercadoria. ... Essa transformação não se limita às relações entre os homens e a natureza; envolve também as relações dos homens entre si ...” GOLDMANN, L., 1979 (a), p.114-5 e 121.

“A visão de mundo e o sistema de valores que estão na base de nossa cultura ... foram formulados em suas linhas essenciais nos séculos XVI e XVIII. A nova mentalidade e a nova percepção do cosmo propiciaram a nossa civilização ocidental aqueles aspectos que são característicos da era moderna. Eles tornaram-se a base do paradigma que dominou a nossa cultura nos últimos trezentos anos e está agora prestes a mudar.

Antes de 1500, a visão de mundo dominante na Europa, assim como na maioria das outras civilizações era orgânica ... A natureza da ciência medieval era muito diferente daquela da ciência contemporânea. Baseava-se na razão e na fé, e sua principal finalidade era compreender o significado das coisas e não exercer a predição ou o controle. ... A noção de um universo orgânico, vivo e espiritual foi substituída pela noção do mundo como se fosse uma máquina, e a máquina do mundo converteu-se na metáfora dominante da era moderna.”¹³

Descartes é o filósofo do “novo tempo” e o fundador da metodologia da dúvida. Tal como o modo de produção industrial que se instalava na sociedade ocidental, naquele momento histórico, o método cartesiano divide o objeto de estudo para analisar cada uma de suas partes, aplicando-lhes uma ordem de raciocínio que resulta em um produto final — no caso, o conhecimento científico. A divisão cartesiana do mundo se inicia com a separação entre corpo e alma,

“[que] penetrou profundamente no espírito humano ... e levará muito tempo para que seja substituída por uma atitude realmente diferente em face do problema da realidade.

Para Descartes o universo material era uma máquina. ... A natureza funcionava de acordo com leis mecânicas, e tudo no mundo material podia ser explicado em função da organização e do movimento de suas partes. ...

A drástica mudança na imagem da natureza, de organismo para máquina, teve um poderoso efeito sobre a atitude das pessoas em relação ao meio ambiente natural. A visão de mundo orgânica da Idade Média implicava um sistema de valores que conduzia ao comportamento ecológico. ...

¹³ CAPRA, F., 1988 p.49. Ver, também: TARNAS, R., 2000, especialmente, os capítulos V e VII.

Essas restrições culturais desapareceram quando ocorreu a mecanização da ciência. A concepção cartesiana do universo como sistema mecânico, forneceu uma sanção "científica" para a manipulação e a exploração da natureza que se tornaram típicas da cultura ocidental.

[Por outro lado], Descartes ensinou àqueles que vieram depois dele como descobrir seus próprios erros".¹⁴

Mas quem fundou a ciência como instituição social¹⁵ (mais recentemente definida como "estrutura significante"¹⁶, "parte integral da cultura"¹⁷, "campo de atividade social"¹⁸ ou simplesmente "conhecimento científico"¹⁹), realizando uma síntese das proposições de Copérnico, Kepler, Bacon, Galileu e Descartes, foi Isaac Newton. Ele também inaugurou um novo modelo de comunicação científica, através de "sociedades formadas por "cientistas" que trocavam correspondência sobre suas idéias e estudos e faziam leituras públicas dos resultados de suas atividades. Enquanto substituía antigas concepções do cosmo, como a teoria geocêntrica, o conhecimento científico adquiria *valor* para as forças produtivas e transformava a visão de mundo da sociedade capitalista²⁰. Até que a Revolução Francesa propiciou à burguesia a ascensão ao poder político e ao domínio econômico, ajudando a instituir definitivamente o *campo científico*²¹ como um espaço de produção social material e simbólica.

¹⁴ CAPRA, F., idem, p.55 a 58

¹⁵ BERGER, P. e LUCKMANN, T., 1997

¹⁶ GOLDMANN, L., 1976

¹⁷ ZINCHENKO, V.P., 1989

¹⁸ BOURDIEU, P., 1994

¹⁹ DEMO, P., 2000. Para ele, o termo "pode ser sinônimo de "ciência", desde que não se afirme ser esta necessariamente superior e totalmente diversa diante de outros tipos e histórias [de conhecimento]". p.18

²⁰ Como em BRYAN, N.A.P., 1997; FURTADO, C., 1999 (especialmente o capítulo *O Novo Capitalismo*); GOLDMANN, L., 1972; IANNI, O., 1997; SANTOS, M., 1998

²¹ Bourdieu define o campo científico como "... sistema de relações objetivas [a partir de] posições adquiridas (em lutas anteriores). ... O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da *autoridade científica* definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, se quisermos, o monopólio da *competência científica*, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado". BOURDIEU, P., idem, p.122-3. Termos em itálico, no original.

“Durante o século XIX, os cientistas continuavam a elaborar o modelo mecanicista do universo na física, química, biologia, psicologia e ciências sociais. Por conseguinte, a máquina do mundo newtoniana tornou-se uma estrutura muito mais complexa e sutil. Ao mesmo tempo, novas descobertas e novas formas de pensamento evidenciaram as limitações do modelo newtoniano e prepararam o caminho para as revoluções científicas do século XX.”²²

E no início do século XX, o conhecimento científico introduziu a mudança mais significativa nos padrões culturais com os quais percebemos, sentimos e agimos *no-e-sobre-o* mundo:

“... Em dois artigos, ambos publicados em 1905, Einstein introduziu duas tendências revolucionárias no pensamento científico. Uma foi a teoria especial da relatividade [elaborada, depois, por ele mesmo, em sua forma quase completa]; a outra [tendência, foi] um novo modo de considerar a radiação eletromagnética, que se tornaria característico da teoria quântica, ... elaborada vinte anos depois por uma equipe de físicos. ...

[A] exploração do mundo atômico e subatômico colocou os cientistas em contato com uma estranha e inesperada realidade que pulverizou os alicerces da sua visão de mundo e os forçou a pensar de um modo inteiramente diferente.

A nova física exigia profundas mudanças nos conceitos de espaço, tempo, matéria, objeto e causa e efeito; como esses conceitos são fundamentais para o nosso modo de vivenciar o mundo, sua transformação causou um grande choque.

Em contraste com a concepção mecanicista cartesiana, a visão de mundo que está surgindo a partir da física moderna pode caracterizar-se por palavras como orgânica, holística e ecológica. ... O universo deixa de ser visto como uma máquina, composta de uma infinidade de objetos, para ser descrito como um todo dinâmico, indivisível, cujas partes estão essencialmente inter-relacionadas e só podem ser entendidas como modelos de um processo cósmico.”²³

Entretanto, como assinala Feyerabend²⁴, a “mecanização da nossa imagem do mundo” ainda está fortemente presente na visão de mundo da

²² CAPRA, F., *idem*, p.65

²³ CAPRA, F., *idem*, p.70 a 72

²⁴ FEYERABEND, P., *idem*, p.142

sociedade contemporânea, o que torna sua transformação uma tarefa difícil. Pois, mesmo no contexto de todas as mediações tecnológicas atuais, não podemos esquecer que a humanidade começou a produzir artefatos materiais e simbólicos na pré-história apenas com a força do trabalho e o instinto de sobrevivência. Nesse processo, criamos o conhecimento que nos tem ajudado a conservar e transformar o mundo e tudo que nele existe (inclusive nós mesmos); e temos transmitido esse conhecimento através de “narrativas míticas” ou, mais recentemente, de “discursos científicos”, ambos contendo “informação” sobre as diferentes formas de explicar o universo onde vivemos.

“... Pensamos que, com a ciência metamorfoseada, o diálogo cultural é de novo possível e que, de forma inseparável, uma nova aliança pode firmar-se com a natureza, em cujo devenir participem o jogo experimental e a aventura exploratória da ciência. Isto não passa, por certo, de uma possibilidade. Se a própria ciência convida hoje o cientista à inteligência e abertura, se os álibis teóricos do dogmatismo e do menosprezo desapareceram, resta ainda a tarefa concreta, política e social de criar os circuitos de uma cultura.”²⁵

Como previra Marx²⁶, a capacidade real de produção se objetiva e materializa na economia automatizada da sociedade, na ciência e tecnologia, instituições sociais do progresso e da produção, definitivamente incorporadas ao processo de acumulação do capital. A contribuição da prática científica, no modo de produção capitalista industrial, trouxe o crescimento da disponibilidade de energia, de artefatos e conhecimentos, com o saber utilitário apoiando-se no saber abstrato, com a multiplicação dos centros de pesquisa tecnológica e dos meios de comunicação da informação.

Nesse processo,

“... todas as formas associativas são afetadas pelas transformações tecnológicas inspiradas pela ciência. E, de uma maneira ou de outra, as mais diferentes sociedades, nos mais distantes lugares do planeta se deixam atingir, progressivamente, por essas transformações.

²⁵ PRIGOGINE, I., STENGERS, I., 1991, p.41

²⁶ MARX, K., 1980

A revolução científica e tecnológica conforma hoje o mundo e, desde logo, anuncia o começo do fim da civilização industrial e do trabalho e o surgimento, numa fantástica aventura humana, da civilização do conhecimento e da informação.”²⁷

Na história da sociedade contemporânea, a ciência tornou-se, assim, a principal forma de conhecimento sobre os mistérios do mundo, fundando a base para o desenvolvimento das tecnologias digitais que transformaram os meios de produção, como ilustra o Quadro 1.

Nesse contexto, o campo científico pode ser visto como estrutura que atende às necessidades de organização da sociedade, fazendo parte do seu sistema de comunicação e trocas econômicas. Uma característica marcante desse campo, é sua especialização por áreas de interesse. É o caso do aparecimento das novas ciências, onde destacamos a emergência histórica da ciência da informação.

²⁷ FREIRE, R., FIGUEIREDO, V., ARAÚJO, C.E.P. de., 1997, p.74

QUADRO 1 – ALGUNS *EVENTOS SIGNIFICATIVOS* NA HISTÓRIA DA CIÊNCIA, 1953/1975(*)

Ano	<i>Evento Significativo</i>
1953	J. Watson e F. Crick decifram a estrutura do DNA
1955	N. Kapany desenvolve a fibra ótica
1957	A URSS envia o primeiro satélite artificial, o Sputnik, ao espaço W. Kolff cria o primeiro coração artificial
1958	C.F. Carlson comercializa o método de copiar documentos usando pó seco, carga elétrica e luz (fotocópia)
1959	Construído o primeiro circuito integrado
1960	Inventado o raio laser
1962	Lançamento do modem, pela AT&T
1971	Criado o microprocessador G. Hounsfield e A. Cormack desenvolvem a tomografia computadorizada
1972	Proibida a produção do DDT, por causa dos efeitos nocivos ao meio ambiente
1974	Encontrado o mais antigo fóssil de um ancestral humano que andava ereto: Lucy, com 3,2 milhões de anos Estabelecida a relação entre aerossóis e destruição da camada de ozônio Surge o computador pessoal
1975	Descoberta a endorfina, um neurotransmissor responsável pelo alívio da dor e sensação de prazer
1975	A medicina começa a usar aparelho de ultra-som

Fonte: Revista VEJA. Ano 32, n.51, dez. 1999. Edição especial sobre o século XX.

(*) Período definido em função do *evento* estudado no presente exercício. Foram destacadas em negrito as datas e descobertas diretamente relacionadas ao desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação (TICs).

“O que constitui a disciplina ou o campo científico chamado INFORMATIKA, em russo, é uma questão que tem preocupado os especialistas que trabalham neste e em campos relacionados com a ciência ...”²⁸

1.2. O campo da ciência da informação

Como surge uma nova ciência ? Como se diferencia de outros campos para criar um espaço próprio de atuação e comunicação ? Quem funda os métodos e os discursos ? E quando esse campo se torna parte do próprio objeto de estudo, a teoria se tornaria parte inseparável da ação ? Especificamente, como esse processo ocorreu no campo da ciência da informação ?

“No pós-guerra de 1948, o volume de informações acumuladas e mantidas em segredo por força da própria guerra, foi colocado à disposição da sociedade. Os métodos tradicionais de organização e controle da informação, existentes na época, não conseguiram resolver de forma competente o problema do enorme fluxo de informação.

Ainda em 1948, reunidos na Royal Society, em Londres, cientistas de áreas consideradas nobres, como a física, a química e a biologia, resolveram assumir o desafio da organização e controle da informação, desde que esta tarefa não compromettesse o seu *status* acadêmico. Começou assim, pelo menos na Inglaterra, o tratamento da informação como ciência.”²⁹

Nas palavras de Mostafa,

²⁸ MIKHAILOV, A.I.; CHERNYI, A.I.; GILYAREVSKYI, R.S., 1980. p.71. Publicado originalmente em FID Publication, 530. ***Problems of information science***. Moscou, 1975. Termo em maiúsculas, no original. Também foi mantida a grafia original do nome dos autores.

²⁹ BARRETO, A. de A., 1992 p.27

“Ciência da informação é uma nova configuração temática. Nasce no entremeio contraditório entre as disciplinas sociais e tecnológicas e no espaço deixado por recortes já instituídos pela biblioteconomia e demais ciências sociais. Ciência da informação nasce ao lado de outras configurações como a do processamento automático de dados, a análise de sistemas, a cibernética, a inteligência artificial, a pesquisa operacional, a psicologia cognitivista, todas ciências novas (disciplinas novas) ...

Das comunicações a ciência da informação absorveu a questão mesma do processo de comunicação; entendeu já no início que a informação flui por um processo de comunicação, concentrando-se no processo de comunicação na ciência. Como esse processo passa por canais, a ciência da informação passou a ser a ciência desses canais. ...”³⁰

Entretanto, independentemente da discussão sobre o objeto de estudo, os limites teóricos e as possibilidades epistemológicas que possam ser propostos à ciência da informação pelas várias abordagens existentes, González de Gómez ressalta que pesquisadores “reconhecidos” na área, como T. Saracevic e G. Wersig,

“... concordam em afirmar que [este campo científico] emerge buscando respostas a problemas que, preexistentes ou não, acentuaram-se a partir da II Guerra Mundial.

A história dessa nova área do conhecimento institucionalizado ... acompanha em seu último tramo a trajetória epistemológica do ocidente, a mudança de estatuto do conhecimento e as crises das principais concepções da ciência e da verdade.”³¹

Os primórdios do campo da ciência da informação, podem ser acompanhados a partir de alguns eventos que julgamos significativos, resumidos no quadro a seguir:

³⁰ MOSTAFA, S.P., 1995.

³¹ GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M.N., 1995, p.77

QUADRO 2 – ALGUNS *EVENTOS SIGNIFICATIVOS*, NOS PRIMÓRDIOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO³²

Ano	<i>Evento Significativo</i>
1948	Conferência de Informação Científica, da Royal Society, em Londres
1950	A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) promove, em Paris, duas Conferências sobre Biblioteconomia e Documentação Publicação do <i>American Documentation</i> , nos Estados Unidos, e do <i>Nauchno-Tekhnicheskaya Informatsiya</i> , na URSS, ainda em circulação
1952	Criação do VINITI ³³ , em Moscou (URSS). Publicação do <i>Referativnyi Zhurnal</i> (VINITI Abstracts Journal), ainda em circulação
1953	Criação do Comitê para Treinamento de Documentalistas da FID ³⁴ (FID/TD)
1955	Conferência do International Union on Pure and Applied Chemistry, em Londres, sobre documentação em Química Pura e Aplicada
1957	Lançamento do <i>Sputnik</i> — Reconhecimento do progresso científico da URSS, expresso na organização das “atividades de informação científica”
1958	Conferência Internacional de Informação Científica, em Washington, organizada pela Academia Nacional de Ciências (EUA)
1959	Publicação de artigo de Mikhailov sobre “finalidades e problemas da informação científica” (Boletim de la UNESCO para las Bibliotecas, v.13) Reformulação do FID/TD e nova denominação Comitê para Educação e Treinamento (FID/ET)
1960	Publicação de artigo de Farradane sobre o “futuro do trabalho de informação” (ASLIB Proceedings, v.12, n.5) Definição, pela FID, de políticas de atuação da entidade, a longo prazo
1962	Conferência de Especialistas em Ciência da Informação, no Georgia Institute of Technology (EUA): a denominação <i>ciência da informação</i> torna-se prevaiente

³² Tivemos como fonte principal PINHEIRO, L. V. R., 1997. *Acrescentamos*: VINITI, 2000; FID, 2000; FID, 1986; SHERA, J.H., CLEVELAND, D.B., 1977

³³ VINITI – Vserossiisky Institut Nauchnoi i Tekhnicheskoi Informatsii, vinculado à Academia de Ciências da Rússia. A *homepage* descreve como missão do VINITI “prover informação para cientistas e especialistas da Rússia, nas ciências técnicas e naturais”. Desde o início de suas atividades, o VINITI tem trabalhado em estreita colaboração com a Federação Internacional de Informação e Documentação (FID), sendo responsável pela edição do periódico *International Forum on Information and Documentation*.

³⁴ FID - Federação Internacional de Informação e Documentação. Fundada como Instituto Internacional de Bibliografia, em 1895, na Bélgica, mudou sua denominação para Instituto Internacional de Documentação em 1931 e para Federação Internacional de Documentação em 1938; somente em 1986 veio a incluir “informação” em sua denominação. Atualmente, a FID tem como lema “*Informação à Serviço da Sociedade*”.

Pinheiro assinala que o primeiro artigo de revisão da literatura da área³⁵ foi publicado nove anos depois que o American Documentation Institute (ADI) mudou seu nome para American Society for Information Science (ASIS), e a denominação “ciência da informação” já estava consolidada. Naquele mesmo ano, 1968, Borko publicou um artigo no periódico *American Documentation* onde se questiona sobre a ciência da informação indagando: “O que é isto ?”³⁶ Para defini-la, ele busca apoio em artigo publicado no número inicial do *Annual Review of Information Science (ARIST)*, propondo uma síntese entre as três definições ali apresentadas³⁷:

“Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem seu fluxo e os métodos para processá-la, a fim de obter acessibilidade e utilização ótimas. Está interessada num conjunto de conhecimentos relacionados com a origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação. Inclui a investigação das representações da informação nos sistemas naturais e artificiais, a utilização de códigos para transmissão eficiente da mensagem, o estudo de instrumentos e técnicas de processamento da informação, tais como computadores e seus sistemas de programação. É uma ciência interdisciplinar ... relacionada com a matemática, a lógica, a lingüística, a psicologia, a tecnologia de computação, a pesquisa operacional, as artes gráficas, a comunicação, a biblioteconomia, a administração ... Tem componentes de uma ciência pura, que investiga o assunto sem relação com sua aplicação, e componentes de uma ciência aplicada, que cria serviços e produtos”³⁸

Borko resume as características fundamentais da nova disciplina científica: interdisciplinaridade, forte inter-relação entre teoria e prática, interface com outros campos científicos. Seu artigo torna-se relevante no campo da ciência da informação tanto por sua justificativa da nova identidade da ADI/ASIS quanto por seu propósito de esclarecer não apenas “o que é ciência da informação” mas, em especial “o que faz um cientista da

³⁵ SHERA, J.H., CLEVELAND, D.B., idem

³⁶ BORKO, H., 1968

³⁷ TAYLOR, R.S., 1966

³⁸ BORKO, H., idem, p.3

informação”³⁹, cujas atividades poderiam ser enumeradas a partir da sua própria definição do campo da ciência da informação.

No ano seguinte, o Comitê de Estudos sobre Pesquisa de Base Teórica da Informação (FID/RI), presidido por A. Mikhailov⁴⁰, publica o documento *FID 435* sobre “os aspectos teóricos da informática”⁴¹. No *Prefácio*, Mikhailov coloca que a publicação constitui o primeiro passo na direção da “elucidação das leis gerais subjacentes às atividades de informação científica”, tornando possível prever seu desenvolvimento. Pois embora tenha crescido o número de estudos teóricos e experimentais sobre diversos aspectos da informação, ainda são poucos os trabalhos de caráter geral “dedicados à base teórica dessas atividades e da disciplina nova resultante, a informática”⁴².

“Está bastante claro que, para a informática se consolidar e se desenvolver no futuro, deveríamos nos esforçar para criar uma teoria que possa ser uma diretriz para projetos de pesquisa ajudando a aperfeiçoar sistemas de informação de vários tipos e propósitos. ... [O Comitê FID/RI foi criado no sentido de coordenar esses esforços.]”⁴³

Além de escrever o *Prefácio*, o próprio Mikhailov, com colaboradores do VINITI, abre a coletânea de artigos com “*Informatics: its scope and methods*”⁴⁴, texto no qual estabelecem os fundamentos de uma visão social da ciência da informação, atribuindo sua emergência a um processo histórico relacionado à necessidade de comunicação do conhecimento no campo científico e inserindo este campo na estrutura mais ampla da sociedade:

³⁹ BORKO, H., *ibidem*

⁴⁰ Diretor do VINITI (ver Quadro 2).

⁴¹ FID, 1969. Pinheiro nos diz que, na perspectiva da elaboração de uma teoria da Ciência da Informação, este é um documento de extrema importância, em especial por reunir trabalhos que seriam apresentados em evento internacional de informação científica programado para Moscou, que não chegou a se realizar. PINHEIRO, L. V. R., *idem*.

⁴² MIKHAILOV, A.I., 1969, p.3.

⁴³ MIKHAILOV, A.I. *ibidem*

⁴⁴ MIKHAILOV, A.I., CHERNYI, A.I., GILYAREVSKII., 1969

“Somos de opinião que a razão principal para emergência da informática foi menos o crescimento da literatura científica e mais o dos recursos inerentes ao estágio presente da ciência e desenvolvimento de tecnologia. Estes recursos correspondem ao aumento da participação de amplos setores da sociedade em atividades científicas; nações desenvolvidas já estão destinando um percentual significativo de seus orçamentos para fins de pesquisa. ...

[Um exemplo do crescimento das atividades de ciência e tecnologia:] Em 1914 havia um total de 11.600 trabalhadores científicos na Rússia. No final de 1967 seu número já alcançava 769.600 ...”⁴⁵.

Os autores identificam também, nesse processo de emergência da “informática”, a característica de abordagem “orientada para um problema”, reunindo cientistas e técnicos de diversas áreas envolvidos em sua solução, no que poderia se traduzir em uma visão interdisciplinar sobre uma dada situação⁴⁶. É fato que a restrição do campo de atuação da nova disciplina científica às atividades de desenvolvimento da ciência e tecnologia, a vinculação com políticas econômicas estatais⁴⁷ e a confusão, na sociedade ocidental, do termo “informática” com “computação”, colocaram limites na aceitação da terminologia e do modelo soviético⁴⁸. Mas, sem dúvida, pode-se afirmar que o artigo de Mikhailov e colaboradores sobre “o escopo e métodos da informática” colocou na teoria da ciência da informação a indubitável marca de uma visão social apoiada numa perspectiva dialética.

⁴⁵ MIKHAILOV, A.I., CHERNYI, A.I., GILYAREVSKII., idem, p.8-9

⁴⁶ MIKHAILOV, A.I., CHERNYI, A.I., GILYAREVSKII., idem, p.15

⁴⁷ Como expressa Mikhailov, quando cita um discurso do Secretário Geral do Partido Comunista, L.I. Breznev, sobre o assunto: “... Para nosso Partido isto significa que o desenvolvimento intensivo da ciência e da técnica e a ampla utilização dos [seus] resultados na produção não é apenas uma tarefa econômica central, senão também um importante ato político”. MIJAILOV, A.I., 1971, p.3. Grafado nas **Referências** como “MIKHAILOV, A.I.”.

⁴⁸ Como ilustração, podemos citar um comentário de Foskett: “... A Conferência de Roma, ... quase foi malograda, em diversas ocasiões, devida a esta confusão. [Entretanto,] da maneira como foi apresentada pelo professor A.I. Mikhailov e seus colegas, em seu trabalho ‘informatics: its scope and methods’, a nova disciplina é independente dentro do complexo das Ciências Sociais ...” Foskett faz alusão à International Conference on Training for Information Work, promovida pela FID e organizada pelo Italian National Information Institute, realizada em Roma em 1971. Neste ano, o Comitê da FID para Educação e Treinamento (FID/ET) iniciou suas operações com nova denominação (ver Quadro 2). O professor Gernot Wersig foi o primeiro presidente do Comitê, nessa nova fase. FOSKETT, D.J., 1980, p.52-69. Publicado originalmente em: *Journal of Librarianship*, v.5, n.3, 1973.

Concordamos com Pinheiro em que a publicação do documento *FID 435* sobre “os aspectos teóricos da informática” encerra a primeira das três fases propostas pela autora como “processo de evolução” do campo da ciência da informação. Este período, de 1962 a 1969, foi caracterizado pelo surgimento histórico da ciência da informação e das discussões teóricas iniciais, “principalmente sobre suas origens, denominação e primeiros conceitos e definições”⁴⁹.

A segunda fase, no período de 1970 a 1989, caracteriza-se pela busca de princípios, metodologias e teorias próprios, delimitação do campo epistemológico, e transformações decorrentes das novas tecnologias. O *evento* estudado no presente exercício, ocorre neste período, em dezembro de 1975, embora os indícios reveladores de sua futura ocorrência comecem a dar sinais ainda na década de '60, destacando-se o próprio documento *FID 435*.

Por sua vez, a terceira fase da evolução desse campo científico é a que estamos vivendo, a partir de 1990, tendo como características a consolidação da denominação “ciência da informação” (com métodos, construtos e teorias próprios), a discussão sobre sua natureza social e a interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento científico⁵⁰. Nesta fase mais recente, encontramos o modelo de abordagem que julgamos mais adequado como instrumento para revelar os indícios de um *padrão que une*, desde os primórdios, a visão dos cientistas da informação sobre seu próprio campo de atividade social.

⁴⁹ PINHEIRO, L. V. R., *idem*, p.96

⁵⁰ PINHEIRO, L. V. R., *idem*, p.97

“*Deus está no particular.*”⁵¹

1.3. Um evento⁵² no campo científico

Nosso *evento significativo* é representado pela publicação do artigo *The phenomena of interest to Information Science*⁵³, no número 4 do volume 9 do periódico inglês *The Information Scientist*⁵⁴, em 1975.

Seus autores, Gernot Wersig e Ulrich Neveling, vinculados à Universidade Livre de Berlim, haviam apresentado o texto no Fórum Internacional de Pesquisa em Ciência da Informação, promovido pelo Westfield College na Universidade de Londres no início de agosto do mesmo ano da publicação⁵⁵. No resumo, o conteúdo do artigo é descrito como

⁵¹ A. Warburg. Epígrafe [sem referência bibliográfica] usada por GINZBURG, C., 1989, p.143.

⁵² Do lat. *eventu*. S.m. 1. Sucesso, acontecimento ...; 3. *Estat.* Ocorrência, num fenômeno aleatório, de um membro de um determinado conjunto que se define *a priori*; acontecimento. FERREIRA, A.B. de H., 1986

⁵³ WERSIG, G.; NEVELING, U., 1975.

⁵⁴ O Ulrichs (<www.bowker.com/ulrichs/>) informa que este periódico científico, ainda em atividade, editado pelo Institute of Information Science (sediado na Inglaterra), circulou com este título de 1967 a 1978, mudando para *Journal of Information Science* em 1979. O periódico indexa seus artigos em vários serviços de resumos de artigos de periódicos científicos, nas áreas das ciências humanas e das ciências tecnológicas, destacando-se, na área da ciências da informação, *Information Science Abstracts*, *Library & Information Science Abstracts*, *Scienc Citation Index* e *Social Sciences Citation Index*. Em sua pesquisa cobrindo 30 volumes do ARIST (1966-1995), Pinheiro classificou este periódico como 26º mais citado dentre os 136 identificados. PINHEIRO, L. V. R., idem, p.186 e 218

⁵⁵ WERSIG, G., NEVELING, U., idem, p.127

"[discussão] de várias definições, explícitas e implícitas, de informação e ciência da informação, na perspectiva de seu desenvolvimento histórico. Apresenta como as várias visões de ciência da informação [suas relações] com outras disciplinas, e conclui com uma proposta de definição da ciência da informação baseada na necessidade social. ...".⁵⁶

Desde 1976 o artigo vem sendo sistematicamente citado por pesquisadores das áreas de ciência da informação, biblioteconomia e documentação, em vários países. Uma busca no Institute for Scientific Information (ISI), mostra a pertinência da escolha desse artigo como amostra de um evento da *consciência possível* no campo científico — tanto por ter sido incluído na primeira revisão da literatura da área⁵⁷, como mostra o Quadro 3, quanto por continuar contribuindo para a construção de novos contextos na ciência da informação⁵⁸.

⁵⁶ WERSIG, G., NEVELING, U., *ibidem*

⁵⁷ SHERA, J.H., CLEVELAND, D.B., 1977

⁵⁸ No Brasil, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, sua importância foi destacada por vários aprendizes do campo científico. Entre outras dissertações, lembramos: SOBRINHO, T.S.S., 2000; FREIRE, G.H. de A., 1998; PEREIRA, A.C., 1998; FREIRE, I.M., 1987. Bem como as teses de: ARAÚJO, V.M.R.H. de., 1994; e PINHEIRO, L. V. R., 1997. Desde nosso projeto inicial no doutorado em Ciência da Informação (ver **Apêndice**), realizamos exercícios, dos quais dois foram publicados, onde o artigo de G. Wersig e U. Neveling tem um papel central. Ver, FREIRE, I.M., 1995 e 1996.

Quadro 3 – Citações do artigo de G. Wersig e U. Neveling, entre 1976 a 1999

Ano	Autores	Periódicos
1976	BELKIN, N.J.; ROBERTSON, S.E.	Journal of American Information Society for Information Science (JASIS), 27:(4)
	BARNES, C.I.; PETRIE, J.H.	Information Scientist, 10:(3)
	FARRADANE, J.	Information Scientist, 10:(3)
	ROBERTS, N.	Journal of Documentation, 32:(4)
1977	SHERA, J.H.; CLEVELAND, D.B.	Annual Review of Information Science (ARIST) , 12
1978	BELKIN, N.J.	Journal of Documentation, 34:(1)
	SLAMECKA, V.	Nachrichten für Dokumentation, 29:(6)
1979	SARACEVIC, T.	Information Processing and Management, 15:(1)
	TAGUE, J.	Canadian Librarian Journal, 36:(3)
1980	BELKIN, N.J.	Canadian Journal of Information Science, 5:(May)
1981	SEIDMAN, A.	Nachrichten für Dokumentation, 32:(2)
	HAMMARBERG, R.	Journal of Information Science, 3:(6)
1984	SCHRADER, A.M.	Librarian and Information Science Research, 6:(3)
	BROADBENT, M.	Education for Information, 2:(3)
1985	SCHWARZ, S.	Education for Information, 3:(2)
	BLAKE, M.L.	Journal of Information Science, 11:(1)
1988	ZHANG, Y.X.	Information Processing and Management, 24:(4)
1990	BELKIN, N.J.	Journal of Information Science, 16:(1)
1991	WARNER, A.J.	JASIS, 42:(1)
	BUCKLAND, M.K.	JASIS, 42:(5)
1992	INGWERSEN, P.	Librarian, 42:(2)
	FROHMANN, B.	Journal of Documentation, 48:(4)
1994	KANDO, N.	International Forum on Information and Documentation, 19:(2)
	WATANABE, T.	Librarian and Information Science, (32)
1995	METCALFE, M.; POWELL, P.	European Journal of Information Systems, 4:(3)
1997	MEADOW, C.T.; YUAN, W.J.	Information Processing and Management, 33:(6)
1999	SARACEVIC, T.	JASIS, 50:(12)

Fonte: Institute for Scientific Information (ISI). Citation Databases, janeiro de 2001.

Busca realizada pelo SIBI/UFRJ. Foi dado destaque à citação na primeira revisão de literatura da área, publicada pelo ARIST.

Sobre a participação nacional das bases de dados do ISI, ver TARGINO, M. das G., GARCIA, J.C.R., 2000

The phenomena of interest to Information Science está estruturado em três seções. Na primeira, os autores apresentam as “Diferentes origens da ciência da informação”, com um resumo das principais abordagens da ciência da informação, ressaltando que a única unanimidade dos diferentes discursos seria relativa ao período histórico em que as atividades de informação tomaram a forma de um campo científico:

“‘Ciência da Informação’, ‘informática’ ou como seja chamado, é um campo de estudo que emergiu recentemente, e sua consciência de ser uma disciplina científica data talvez do final dos anos 50 (embora como trabalho científico tenha sido empreendido antes por investigadores individuais). Esta é um das muito poucas declarações que poderiam ser feitas relativas à ‘ciência da informação’, que não seria discutida a fundo por um grupo de pessoas que denominam a si mesmas como ‘cientistas da informação’”⁵⁹.

Wersig e Neveling defendem a autonomia do novo campo científico, que nem seria oriundo de outro campo de estudo nem da interseção de dois ou mais campos, mas seria decorrente “das necessidades de uma área de trabalho prático, chamada ‘documentação’ ou ‘recuperação da informação’”⁶⁰. Para os autores,

“... as contribuições para o nascimento da ‘ciência da informação’ vieram de muitas disciplinas diferentes (devido às experiências diferentes das pessoas que atuam em um campo onde não existia nenhum sistema educacional estabelecido) e sua emergência foi causada por muitos interesses diferentes (devido a áreas diferentes de aplicação envolvidas no trabalho de informação)”⁶¹.

Algumas dessas áreas teriam sido relevantes desde o início, outras, como ciências sociais, ciência da ciência e teoria da comunicação, teriam entrado mais tarde na discussão sobre a ciência da informação. Entretanto,

⁵⁹ WERSIG, G., NEVELING, U., *ibidem*

⁶⁰ WERSIG, G., NEVELING, U., *ibidem*

⁶¹ WERSIG, G., NEVELING, U., *ibidem*

“... esta variedade de abordagens conduzia a uma situação onde todo participante na discussão poderia concordar que deveria haver algo como ‘ciência da informação’, mas cada um interpretaria a ‘ciência da informação’ em relação a uma experiência específica”.⁶²

Para Wersig e Neveling, as dificuldades na discussão pareciam ser causadas, em parte, pelas diferentes experiências dos ‘cientistas da informação’, bem como pela própria derivação histórica da totalidade do campo, que não permite uma compreensão mais generalizada sobre o fenômeno de interesse para a ‘ciência da informação’, e mesmo dos diferentes usos terminológicos da palavra ‘informação’.

“Neste momento, uma visão pessoal pode ser expressada. Em nossa opinião ciência não é algo [justificável] em si mesma, mas sempre pode ser justificada pelas necessidades sociais que [às quais atenderá,]de modo que devemos] encontrar quais foram as razões específicas que conduziram ao desenvolvimento da ‘ciência da informação’. As principais questões cujas respostas talvez possam criar um entendimento comum são:

Por que a ciência da informação emergiu ? Quais necessidades sociais serão atendidas através da ciência da informação ?”.⁶³

Na segunda seção do seu artigo, “‘Informação’ como o possível objeto [de estudo] da ciência da informação”, Wersig e Neveling apresentam seis abordagens de “informação” que podem ser caracterizadas com base na estrutura geral de relações entre os seres humanos e o mundo. São perspectivas orientadas para a *estrutura* (materialista), para o *conhecimento*, para a *mensagem*, para o *significado* (uma característica da abordagem orientada para a *mensagem*), para o *efeito* (no receptor), e orientada para o *processo*⁶⁴. Em seguida, colocam suas “Propostas para a interpretação de ‘informação’ na ‘ciência da informação’”, subdivididas em duas seções.

⁶² WERSIG, G., NEVELING, U., *ibidem*

⁶³ WERSIG, G., NEVELING, U., *idem*, p.128

⁶⁴ WERSIG, G., NEVELING, U., *idem*, p.130-132

O trecho que nos interessa diretamente está inserido na primeira delas, e podemos traduzir seu título como “Responsabilidade social”⁶⁵. Por sua relevância para o desenvolvimento do presente exercício, apresentamos, a seguir, a tradução livre desse trecho, onde foram encontrados os “indícios” para formular a hipótese a partir da qual orientamos o presente exercício:

“Suponho que nos chamamos de ‘cientistas da informação’. Uma jovem senhora inglesa, que um dos autores encontrou no ano passado, e tinha feito um curso de várias semanas e estava trabalhando agora como técnica de informação, chamou a si mesma de ‘cientista da informação’. Devemos fazer algo diante desse abuso ? Se não, isso não importa, porque podemos ser chamados ‘cientistas da informação’ por outras pessoas baseado no simples fato de participarmos de uma reunião relacionada com a ‘ciência da informação’. Nossa hipótese é de que à primeira vista nada mais nos une além da característica comum de estarmos na mesma reunião ou sermos chamados pelo mesmo nome. Mas não pensamos que isto seja verdade. Claro que todos temos visões divergentes sobre a fundamentação teórica do que chamamos ‘ciência da informação’, [mas] talvez esta seja uma situação onde a diversidade poderia ser criativa. Pelo contrário, nós pensamos que ocorreram desenvolvimentos sociais que criaram linguagens compatíveis, discutindo problemas comuns, com termos em comum. É possível fazer um resumo desses desenvolvimentos.

Talvez o problema tenha começado quando Gutenberg inventou uma nova tecnologia de comunicação que tornou possível transferir partes de conhecimento a um público maior. Nos séculos XVII e XVIII ainda não era possível distribuir publicações originais de valor científico a toda a comunidade interessada (científica e não-científica), dessa forma publicações secundárias emergiram (na realidade os primeiros jornais técnicos eram jornais de resumos; o movimento dos enciclopedistas poderia ser considerado nessa categoria; mais tarde ‘Moralische Wochenschriften’ e ‘Intelligenzblätter’ na Alemanha, e os equivalentes deles em outros países europeus, seguiram linhas de trabalho semelhantes).

Com a relevância crescente de ciência para o desenvolvimento industrial no século XIX (primeira revolução industrial), a especialização da ciência começou, mais [disciplinas científicas] foram produzidas e [se tornaram] necessárias, e a comunicação científica cresceu e cresceu. Este processo ainda está em curso. Em resumo, isto conduziu a uma situação em que um grupo de ‘anônimos’ surgiu [colocando-se] entre os produtores de dados, pesquisadores e inventores e aquelas pessoas que necessitam dos dados, resultados e inovações.

⁶⁵ “Societal responsibility”, no original. WERSIG, G., NEVELING, U., idem, p.133

Por conseguinte, no processo da divisão [social] do trabalho um novo campo de atividade prática surgiu e uma velha profissão começou a mudar sua definição. As pessoas de informação apareceram — com títulos diferentes, em países diferentes, mas semelhantes na função. E esta função é — dito de maneira simples —, assegurar que aquelas pessoas que precisam de conhecimento em seu trabalho ... [agora não mais restrito à ciência e tecnologia, mas estendendo-se aos ‘papéis ocupacionais’ ou a papéis menos restritos) possam recebê-lo, independentemente de ter procurado ou não. Esta não é uma filosofia mas uma função social derivada do desenvolvimento histórico. No início, essas pessoas tentaram resolver o problema fazendo trabalho prático mas, como,

- As necessidades de informação mudaram e cresceram
- Os processos de comunicação social se tornaram mais complexos, a comunicação científica e técnica alcançou um novo estágio qualitativo [impulsionado] pela ‘revolução técnico-científica’ e uma dimensão mundial,
- Novas e complexas tecnologias de comunicação e informação foram desenvolvidas,

a abordagem tradicional puramente aplicada ... mostrou-se insuficiente para resolver o problema. Além das necessidades de uma prática que cresceu e se tornou um trabalho complexo, o trabalho científico emergiu e logo um grupo de pessoas apareceu, uma nova terminologia de comunicação foi usada, e a comunicação especializada aconteceu. Assim uma disciplina nova se desenvolveu — não por causa de um fenômeno específico que sempre tinha existido e agora se tornou um objeto de estudo, mas por causa de uma necessidade nova de estudar um problema que mudou completamente sua relevância para a sociedade. Hoje em dia o problema de transmissão do conhecimento para aqueles que dele precisam é uma responsabilidade social, e esta responsabilidade social parece ser o real fundamento da ‘ciência da informação’.”⁶⁶

No texto, encontramos indícios da abordagem dos autores socialistas reunidos na coletânea *FID 435*, a perspectiva dialética e o modelo estruturalista. Entretanto, pensamos que a visão da ciência da informação tendo uma “responsabilidade social” *amplia* o campo de interesse e atuação desse campo à sociedade em geral — expressando a visão de um grupo de cientistas que começavam a olhar o mundo e a sua profissão com outros olhos.

⁶⁶ WERSIG, G., NEVELING, U., idem, p.134

"... Fim último para o investigador, *o pensamento científico*
é apenas meio para o grupo social e para a humanidade inteira."⁶⁷

1.4. A hipótese

Considerando o papel do conhecimento científico para o desenvolvimento das forças produtivas na sociedade contemporânea, nossa hipótese é que:

o enunciado de Wersig e Neveling sobre "a responsabilidade social da ciência da informação" pode ser visto, *ex post facto*, como um *indício* da *consciência possível* de um grupo de cientistas no campo da ciência da informação.

Nosso pressuposto básico é que os autores expressaram, de *forma coerente e adequada*, uma *visão de mundo* no campo científico, ampliando a perspectiva sobre a função social da ciência da informação dominante naquele período histórico — na qual se destacam Mikhailov e seus colaboradores do Instituto de Informação Científica e Técnica da Academia de Ciências da Rússia.

⁶⁷ GOLDMANN, L., 1979 (a), p.19. Termos destacados, em itálico, no original.

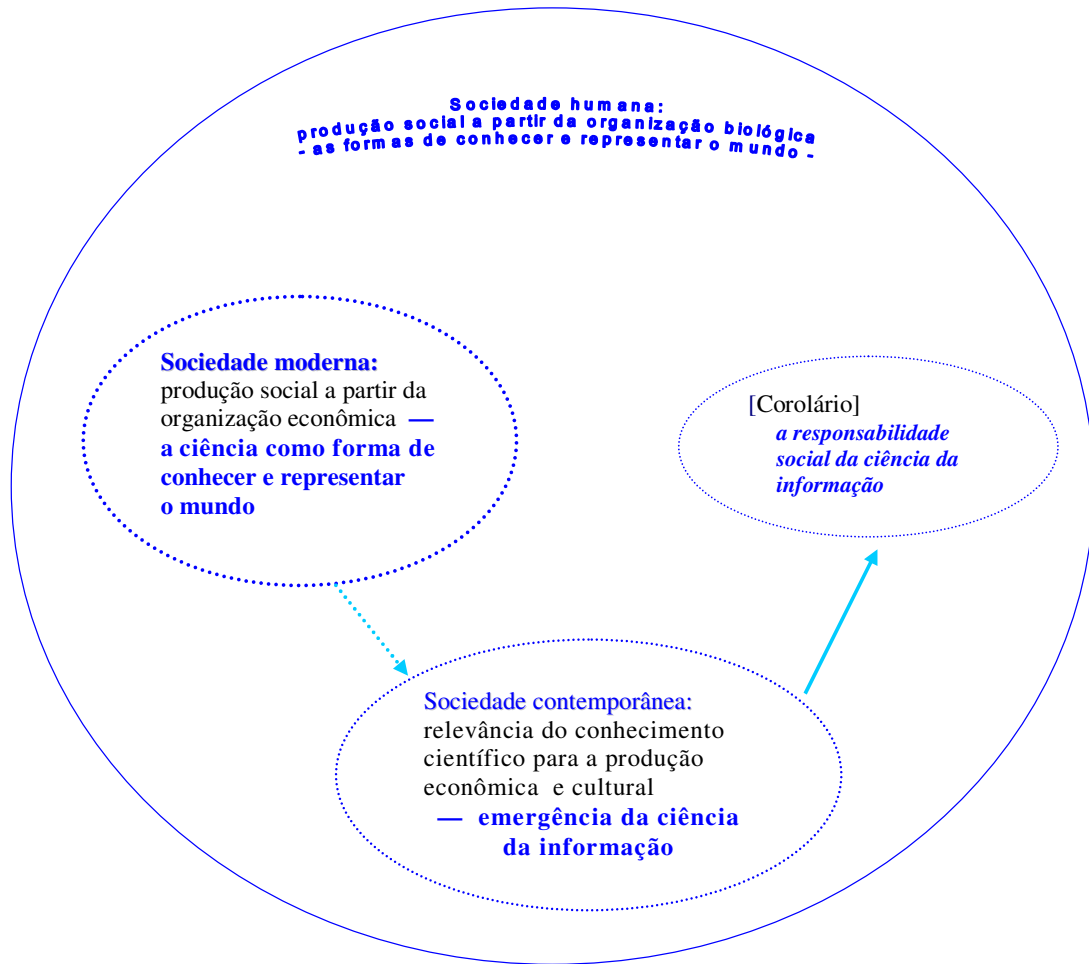


Fig. 1 – Representação das premissas da hipótese